

Leitura corporal

Antônio Félix de Souza Neto *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-2792-1737>

Remildo Barbosa da Silva**

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-3224-657X>

“A palavra ‘leitura’ não remete para um conceito, e sim para um conjunto de práticas difusas.” (Roland Barthes e Antoine Compagnon)

“Antes de ser funcional, comunicativo ou estético, o gesto é aquilo que aliena ao homem uma parte do seu corpo para o mergulhar na rede significante da sociedade.” (Jean-Loup Rivière)

RESUMO

Neste texto, apresentamos uma abordagem dos temas do gesto e da leitura, numa confluência de discursos de variados domínios do conhecimento científico tais como a arqueologia, a biologia, a paleontologia, a filosofia, a psicologia, a linguística, a cinésica, a proxémica e do campo das artes. Por isso, longe de ser o registro de uma abordagem analítica ou de um exame exaustivo etc., o presente texto se presta mais a um ensaio acerca do gesto e da leitura, tendo como propósito primeiro uma reflexão sobre alguns aspectos não-cognitivos (físicos, biológicos, culturais, psicológicos, artísticos) – sem prescindir dos cognitivos, nesses tempos de grandes avanços nas investigações científicas dos aspectos cognitivos – do ato de ler o corpo e do corpo que lê. Como produto de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo principal deste texto é apresentar uma visão geral das principais contribuições de vários campos do saber acerca da expressão corporal e como ela pode ser percebida pelos interlocutores, ressaltando algumas das principais concepções acerca dos estudos que relacionam gesto e fala no espaço comunicativo. Assim, este texto encerra uma confluência de discursos acerca da gestualidade, da expressão corporal e de sua leitura. No que excede a isto, este texto apresenta uma breve análise – apenas para fins de organização e classificação – de algumas formas de expressão corporal, a partir da proposta tipológica de Vezali (2011) e do *continuum* proposto por Kendon (2004).

PALAVRAS-CHAVE

Leitura; Gesto; Comunicação; Expressão Corporal.

* Possui graduação em LETRAS (PORTUGUÊS-INGLÊS e PORTUGUÊS-FRANCÊS) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe e desenvolve pesquisas acerca das variedades do português do Brasil e de línguas crioulas de base portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: fonética, fonologia, contatos linguísticos, sociolinguística e linguística ecossistêmica. E-mail: antfelixsouza@gmail.com

** Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas - Ufal e graduado em Letras pela mesma universidade. Atua na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística, com ênfase em prosódia e fonética acústica. É membro da Associação Brasileira de Linguística (Abralin) e integrante do grupo de pesquisa Estudos em Fonética e Fonologia (fonUFAL). Atualmente atua como professor efetivo da rede estadual de ensino do estado de Alagoas. E-mail: remildo.silva@fale.ufal.br

Body reading

ABSTRACT

In this text, we present an approach to the themes of gesture and reading through a confluence of discourses from various fields of scientific knowledge such as archaeology, biology, paleontology, philosophy, psychology, linguistics, kinesics, proxemics, and the arts. Therefore, rather than being a registration of an analytical approach, an exhaustive examination etc., this text serves more as an essay about gesture and reading, having as its primary purpose a reflection on some non-cognitive aspects (physical, biological, cultural, psychological, artistic) — without disregarding cognitive aspects, especially in times of significant advances in scientific investigations of cognitive phenomena — of the act of reading the body and the body that reads. As a product of bibliographic research, the main objective of this text is to provide an overview of the key contributions from various fields of knowledge regarding corporal expression and how it can be perceived by interlocutors, highlighting some of the primary concepts related to studies that connect gesture and speech in the communicative space. Thus, this text encapsulates a confluence of discourses about gestuality, body expression, and its interpretation. In what exceeds this, this text presents a brief overview – for the purpose of organizing and classifying – some forms of corporal expression, based on the typological proposal of Vezali (2011) and a *continuum* proposed by Kendon (2004).

KEYWORDS

Reading; Gesture; Communication; Corporal Expression.

Introdução

O título Leitura Corporal, por um lado, já permite dele pressupor: a ação de ler, um agente leitor e um corpo pra ser lido. Por outro lado, os reflexos semânticos da construção sintática – “leitura corporal” – permite-nos ainda dele inferir a existência de um corpo que lê. De qualquer um desses lados, não se pode prescindir do leitor como provido de condições para realizar a leitura; e, para o ato da leitura, não se pode prescindir dos sentidos ou recursos que o envolvem. Ocorre que, conforme observaram Roland Barthes e Antoine Compagnon, depois de tantos anos desde que o homem começou a ler, “Parece-nos hoje natural ver na leitura uma técnica incorpórea: a escrita seria (ainda) manual (associada, portanto a uma ideia de artesanato), e a leitura seria mental, ‘abstracta’ [...].” (BARTHES e COMPAGNON, 1987, p. 185). Assim, quando essa “técnica incorpórea” e ‘abstracta’ tem lugar na cognição, o envolvimento de todos os sentidos que operam no ato da leitura se converte em pressuposto (aparentemente) óbvio. Não obstante a aparente obviedade do pressuposto, é dos sentidos que nos ocuparemos em boa parte deste nosso texto. Vale ressaltar que, nos humanos, antes de qualquer atividade cognitiva, a leitura começa com a participação dos órgãos dos sentidos (não?). Afora os humanos, até mesmo os leitores digitais da nossa tecnologia hodierna precisam de algum recurso sensível ao dado – código de barras, QR code etc. Não faremos

diferentemente no que tange os aspectos cognitivos da leitura: tentaremos ressaltar a relevância do (aparentemente) óbvio.

São muitos os trabalhos que tratam a expressão corporal como linguagem ou como recurso que completa seu sentido – estes encaram os gestos como manifestação de ideias, do ponto de vista da produção. O mesmo parece que não se pode dizer dos estudos dedicados à expressão corporal no campo da leitura, da perspectiva da recepção, da interpretação – estes ainda são escassos¹. Por isso, aqui identificamos os estudos sobre expressão corporal em duas vertentes: da produção e da recepção. Muitos desses trabalhos têm contribuído bastante para o reconhecimento da importância do gesto na comunicação. A literatura especializada ressalta que estudos como esses são fundamentais para que se possa afirmar, por exemplo, que a linguagem verbal/oral pode comunicar/expressar pouco, quando desvinculada do “gesto”. Trabalhos de natureza histórica – como o de Caes (2012) – tratam dos primeiros gestos do homem, sobretudo do homem primitivo, que ainda não dominava a fala. Outros, como o de Vezali (2011), focalizam os componentes da comunicação: Vezali (2011) apresenta algumas teorias em relação à fala e o gesto, citando alguns teóricos bastante conceituados, a exemplo de Kendon (2004) e McNeill (1992), no que concerne ao tema da expressão corporal. Silva (2000), por sua vez, apresenta alguns estudos voltados para a área da antropologia, a exemplo de Birdwhistell (1985) e Ekman (1973), embora estes já apresentem uma interface com a comunicação. Essas publicações trazem as principais contribuições desses autores, acerca dos efeitos dos gestos nos processos de comunicação.

É, portanto, desses estudos (e de outros que ainda serão citados) que se vale o texto que hora apresentamos aqui. Ele encerra uma confluência de discursos acerca da gestualidade, da expressão corporal e de sua leitura. Os pontos fundamentais desses discursos estão distribuídos em suas cinco seções: 1) Leitura do corpo: o gesto; 2) Os estudos dos significados dos gestos humanos; 3) Gesto e identidade; 4) A comunicação e a relação gesto e fala; e 5) Tipologia gestual.

1. Leitura do corpo: o gesto da leitura

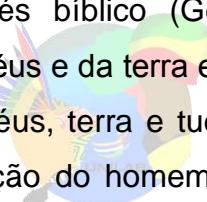
Há consenso – pelo menos entre os estudiosos da área da Leitura e Cognição do início do século XXI – de que a leitura é uma atividade cognitiva. E, como tal, ela implica o reconhecimento de um dado/código e sua decodificação/decifração. Segundo Barthes e

¹ Mesmo nos últimos anos, quando há uma relevante atenção dedicada às línguas de sinais.

Compagnon, “Ler é uma técnica de descodificação: sendo os signos inscritos segundo determinado código (escritas, músicas, diagramas), a leitura é a operação inversa, que permite descodificá-los.” (BARTHES e COMPAGNON, 1987, p. 184). Como atividade exclusiva dos seres humanos, além do reconhecimento de um dado/código e de sua decodificação/decifração, a leitura implica ainda – e entre outras coisas – significação. Mas não é somente isto: conforme salienta a professora Maria Inez Matoso Silveira², “a leitura é uma atividade extremamente complexa que se desenvolve nos seres humanos desde que ele toma contato com o mundo que o cerca.” (SILVEIRA, 2015, p. 9). Como processo, o que precede os aspectos cognitivos da leitura é fatalmente a percepção pelos órgãos dos sentidos: ler implica, antes de outra coisa, gesticular – lê-se com os olhos; os cegos tateiam para ler em braile.

1.1. Leitura do gesto natural/biológico

Quando se propõe colocar o corpo e seus gestos no centro de uma discussão, há uma tendência comum de se esperar algo sobre os gestos articulados com uma cultura. Tomando o primeiro livro do Moisés bíblico (Gênesis) como referência, podemos recuperar os gestos da “criação dos céus e da terra e de tudo que neles existe”. É o gesto da fala³ de Deus que faz existirem céus, terra e tudo que neles existe: criação da vida vegetal, criação da vida animal, criação do homem etc. (cf. GÊNESIS 1: 1). Por outro lado, uma leitura paleontológica do corpo vivo e dos seus gestos permite, logo de início, distinguir o vegetal do animal: segundo Leroi-Gourhan,



Os animais distinguem-se das plantas pelo fato de a sua nutrição implicar a recolha de alimentos, escolhidos por massas de certo volume e que são tratados por processos mecânicos antes de intervirem os processos químicos de assimilação. Por outras palavras, a nutrição está neles ligada, de uma maneira consideravelmente mais sensível do que nos vegetais, à busca, isto é, à movimentação dos órgãos de captura e do dispositivo de detecção. (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 32).

Portanto, é já na leitura dos gestos “dos órgãos de captura e do dispositivo de detecção” que precedem os gestos de nutrição que o autor propõe uma distinção entre animais e vegetais. O autor distingue ainda os animais dos vegetais tomando o critério da disposição anatômica, um plano anatômico animal que redunda num gesto animal:

O plano segundo o qual todo organismo se dispõe por trás do orifício alimentar existe nos Protozoários mais móveis e, exceto nos espongiários e celenterados, constitui o plano normal dos animais. A polarização

² FALE/Universidade Federal de Alagoas.

³ “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (JOÃO, 1: 1).

anterior da boca e dos órgãos de preensão nos seres móveis é um facto biológico e mecânico tão evidente que seria algo ridículo demorarmo-nos nele, a não ser para sublinhar que é nele e não noutro facto que reside a condição fundamental da evolução para formas superiores de vida. (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 33).

O gesto quadrúpede, por exemplo, não autoriza a cobertura (para a reprodução) por um bípede e vice-versa (cf. LEROI-GOURHAN, 1990).

1.2.Leitura do gesto antropídeo (humano)

No que parece haver de mais óbvio nos seres humanos reside exatamente o que mais lhe identifica – a bipédia. É com os avanços da paleontologia que o mito do antepassado-macaco vai perdendo lugar. Segundo Leroi-Gourhan (1990, p. 96-97), essa imagem do antepassado-macaco “é artificial, nascida no século XVII, num contexto de luta ideológica, mas sem nenhuma base paleontológica.” Acerca da imagem do homem, Leroi-Gourhan assim se manifesta:

Volvido pouco mais de um século sobre a descoberta do crânio de Gibraltar, que imagem podemos forjar que unifique critérios comuns à totalidade dos homens e seus ancestrais? O primeiro e mais importante é a posição vertical; este é também, como pudemos ver, o último cuja realidade foi admitida, o que, durante várias gerações, nos obrigou a colocar o problema do homem em bases falsas. Todos os fósseis conhecidos, mesmo os mais estranhos como o australopiteco, possuem posição vertical. Dois outros critérios são corolários do primeiro: isto é, o fato de possuírem a face curta e as mãos livres durante a locomoção. (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 26).

Esses critérios da paleontologia permitem que a hipótese da evolução do homem a partir do símio seja rechaçada, conforme afirma Leroi-Gourhan: “A paleontologia demonstra, cada vez mais nitidamente, a impossibilidade de uma ligação próxima entre os símios e nós.” (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 67). Aqui, interessa-nos o fato de o gesto bípede identificar a espécie humana, estando isto evidente nas amostras dos seus fósseis mais remotos.

1.3.Leitura de vestígios de gestos da linguagem

Se a leitura pressupõe uma condição mínima necessária, desde os órgãos dos sentidos até a cognição, a partir dos dados fósseis, a paleontologia presume a existência de linguagem num homem muito remoto:

A uma posição bípede e a uma mão livre, e consequentemente a uma cavidade craniana consideravelmente liberta, só pode corresponder um

cérebro já equipado para o exercício da palavra, e creio que devemos considerar que a possibilidade física de organizar os sons e os gestos existe desde o primeiro antropídeo comum. (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 92).

Segundo Barthes e Marthy,

Na realidade, as primeiras marcas, as primeiras inscrições que os homens viram foram os rastos dos animais sobre a neve: assim, os caçadores da época Aurinhancense ou Magdaleniana conheciam muitas centenas de rastos que correspondiam a um animal, tal como uma palavra traçada corresponde a uma coisa; primeiro facto de uma sociedade que começa a estruturar-se em torno do visual, enquanto no mesmo caso os animais se reconhecem entre si pelo olfacto e não pelos rastos. (BARTHES e MARTHY, 1987).

A existência de linguagem nesse primeiro antropídeo comum identifica o *homo habilis* – uma espécie hominídea capaz de elaborar e aperfeiçoar instrumentos.

1.4.Leitura do gesto técnico-industrial

A partir dos dados fósseis, a paleontologia presume a existência de linguagem nesse homem remoto (*homo habilis*), “uma vez que utensílios e linguagem estão ligados neurologicamente” (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 116). Esse homem deixa nos seus utensílios as impressões de suas técnicas industriais. Nos utensílios os paleontólogos recuperam alguns dos gestos desse homem:

Tal como podemos apreciar através da utensilagem dos *choppers*, descoberta com os zíjantropos e nos enumeráveis equivalentes que abundam no solo da África, o australantropo fabrica objetos cortantes, a partir de seixos, apenas com um único gesto, que é o da percussão mais simples e que serviria tanto para quebrar ossos, como para partir nozes, como ainda para arremessar uma moca a um animal. (LEROI-GOURHAN, 1990, p. 96, grifo da edição).

Os estudos da organização cerebral desse homem permitem identificar uma “faculdade de simbolização cada vez maior.” Mas os vestígios de gestos que testemunham em favor de “uma inteligência não estritamente técnica” só podem ser identificados no *homo sapiens*. (cf. LEROI-GOURHAN, 1990, p. 108).

1.5.Leitura dos vestígios de gesto abstrato (filosófico e artístico)

Na esteira dos gestos humanos abstratos se inscrevem o filosófico/reflexivo e o artístico/oblíquo. Mas onde estariam os vestígios ou as evidências empíricas desse gesto abstrato? Embora, conforme admitem os paleontólogos, sendo difícil localizar com precisão os testemunhos arqueológicos de atividades que ultrapassem a técnica naquele

homem antigo, é possível apontá-las nas “mais antigas manifestações de caráter estético-religioso”. De acordo com Leroi-Gourhan, elas podem ser classificadas em dois grupos: “as que testemunham reacções em relação à morte e as que testemunham reacções em relação ao insólito da forma.” (cf. LEROI-GOURHAN, 1990, p. 110): “culto das ossadas”, “sepulturas” etc.

Acerca dos gestos abstratos, discursos da filosofia e das artes também corroboram o que dizem os cientistas. Para o filósofo tcheco, Vilém Flusser: “Não existe pensamento que não é articulado a um gesto. O pensamento antes da sua articulação é mera virtualidade, nada ainda. Ele se realiza através do gesto. Não se pode pensar antes de gesticular.” (FLUSSER, 1999).⁴ E bem antes de Flusser, o artista francês Auguste Rodin já teria concebido e representado o gesto de pensar, em sua obra escultural mais conhecida – “o pensador” (*le penseur*).

Outro artista francês, Marcel Duchamp, talvez o maior representante da tendência novecentista *ready-made*, surpreende seu tempo com uma arte (artesanal?), ao apresentar objetos de fabricação industrial em um lugar distante de seu lugar funcional: um urinol (*urinoir*), uma roda de bicicleta (*roue de bicylette*) em uma exposição de artes no século XX, século da eletricidade. Essa atitude artística do Duchamp certamente converte o objeto funcional, industrial, utilitário em artístico, mas também desperta para o potencial artístico da criação desse objeto, como produto da observação dos gestos (de urinar, no caso do urinol; e do sentar-se e mover-se ao pedalar na bicicleta) e da reflexão. Mais ainda, recupera os próprios gestos de urinar (no caso do urinol) e de sentar e pedalar (no caso da bicicleta).

2.Os estudos dos significados dos gestos humanos

Embora o gesto já fosse objeto de interesse de muitos, desde tempos muito remotos, “É, sobretudo, na segunda metade do século XX que se desenvolve, nas culturas ocidentais, o estudo da gestualidade.” (RIVIÈRE, 1987, p. 11). Antes, porém, o verbete já teria entrado para a Encyclopédie dos iluministas: “Segundo a *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert, o gesto é uma das primeiras expressões do sentimento que a natureza deu ao homem, e a expressão é a sua primeira função; [...] segundo Rousseau, fala-se melhor aos olhos do que aos ouvidos.” (RIVIÈRE, 1987, p. 12). Mas, conforme observamos logo acima, os estudos científicos do gesto são muito recentes e derivam dos

⁴ Fragmento do seu livro, *Les gestes*; Epígrafe do livro Antropologia do gesto artístico, de Stéphane Malysse. Vilém Flusser nasceu em Praga, em 12 de maio de 1920. Fugindo do nazismo, ele se exilou em Londres, em 1940, e em seguida no Brasil, em São Paulo, em 1941.

desdobramentos das semióticas específicas. Sobre os estudos dos gestos humanos, ressalta ainda Rivière:

Como acontece muitas vezes (sempre?) a ciência vem depois: se na metade do século XX as práticas artísticas ocidentais dão um novo valor à gestualidade, só a partir dos anos 50 a ciência lhes dá uma verdadeira atenção. Isto evidentemente no legado de Darwin, Boas, Sapir etc. A quinésica nasce no ponto de confluência da etnologia e da linguística, e permanece estritamente dependente dos princípios behavioristas e da teoria da comunicação. A gestualidade surge, portanto, como o meio de aprender o comportamento cultural global do homem, e a sua análise não sai da esfera da linguagem, mesmo negativamente: o gesto é o ‘não verbal’. (RIVIÈRE, 1987, p. 29, grifo da edição).

Mas já no início do século XX, a distinção proposta pelo professor Saussure entre linguagem e língua assim como sua concepção da “semiótica” (cf. SAUSSURE, 2002) já testemunham em favor de uma concepção embrionária do que viria a ser o estudo sistemático dos gestos e seus significados. Outros estudiosos corroboram essa distinção, a exemplo de Benveniste (1989), que distingue os sistemas semióticos incluindo o sistema dos gestos, do alfabeto dos surdos-mudos etc...Na área da Psicologia, ao estudarem o contexto da surdez, alguns pesquisadores assim se manifestam:

A língua na modalidade oral, assim como a língua de sinais, tem sua característica gestual. A gestualidade na linguagem oral inicia-se desde as vocalizações. A linguagem é, assim, prenhe de gestos, que variam desde uma especificação mínima da ordem do simbólico (vocalizações, balbucios manuais e vocais) ao uso efetivo dessa ordem (usos de uma língua minimamente referenciada). Desde criança somos sujeitos do gesto (fônico ou manual), e é através de nossas interações que vamos adquirindo um saber sobre a construção do léxico, da gramática e dos usos de uma língua (Albano, 2001). Para fugir do isolamento social resultante da ausência de uma língua, a criança surda usa gestos (icônicos e indicativos) para comunicar-se com os ouvintes. O uso de gestos não é exclusivo dos surdos, pois crianças ouvintes também produzem e interpretam gestos durante seu desenvolvimento. (SANTANA et al, 2008, p. 297-298).

Acerca da aquisição da linguagem pela criança, as autoras afirmam que “Os gestos constituem-se como um dos primeiros processos simbólicos da criança.” Ainda tratando da aquisição, as autoras citam outros autores:

A linguagem oral, nos termos de Fedosse (2000b), é prenhe de gestos, por isso não é de admirar que durante sua aquisição o gesto tenha um papel importante. Assim, durante a aquisição da linguagem oral ou de sinais, a relação entre língua e gesto é de interdeterminação, um *continuum* simbólico, poderíamos assim dizer, entre gesto e língua. Nesse sentido é que podemos entender a noção de continuidade sensório-motora da linguagem (Albano, 1990): como um *continuum* que se inicia do visuomanual para o audioverbal, no caso da fala, ou permanece no visuomanual, mudando seu estatuto para língua. A realização do gesto permeia o aspecto simbólico e é por ele permeada, não se tratando,

simplesmente, da realização de um ato motor. O gesto serve como mediador entre outras funções simbólicas, o que sugere que não há processos simbólicos dicotômicos ou independentes entre si. (SANTANA *et al*, 2008, p. 299, grifos das autoras).

Sobre os processos de simbolização da criança surda, Santana *et al* (2008) citam Tervoort (1981), de acordo com quem a comunicação gestual entre filho surdo e pais ouvintes inclui gestos e mímicas que representem algum aspecto de situações, objetos etc.:

Quando uma criança imita, ela escolhe a parte do corpo, os movimentos, os ritmos que fará. Ela põe sua personalidade na imitação. Se tiver visto uma cobra rastejando rapidamente, fará gestos mais rápidos. Um gesto natural é sempre afetado pela personalidade de um indivíduo ou de um grupo. Dessa forma, não existe uma relação unívoca entre o objeto e o sinal, porque as escolhas são subjetivas. Há vários predicados no objeto, mas a escolha é livre. Escolhe-se aquilo que chama mais a atenção, e o que chama mais a atenção para uns pode ser menos significativo para outros. (SANTANA *et al*, 2008, p. 300).

Embora produto da subjetividade individual, essas representações não são aleatórias, mas “parcialmente icônicas” – por não serem totalmente desvinculadas do objeto ou da situação (dêixis) – e discursivas, pois são convencionalizadas na comunicação familiar. Assim, a representação se converte em significante interpretável para os membros daquela família. E o seu significado é dado pelos contextos de produção/gesticulação. Aí, pode-se verificar uma semiose, uma vez que os gestos dos filhos surdos podem ser interpretados pelos membros da família. Além de serem interpretados diretamente, os gestos dos filhos surdos podem ainda ser convertidos em outros gestos (a fala, por exemplo) dos membros falantes.

2.1. Gesto e identidade

É uma tarefa bastante difícil rastrear a origem da gestualidade, mas as primeiras formas de expressões corporais se manifestam no ser humano atual já a partir do seu nascimento – principalmente aquelas localizadas na face. Adorno (2010 *apud* Caes, 2012) afirma que os gestos, sobretudo aqueles que compõem uma língua gestual, substituíram efetivamente as palavras e, aparentemente, as pessoas têm maior facilidade para aprender uma língua de sinais. Ele ainda menciona o fato de alguns cientistas considerarem o gesto como a primeira língua do homem. O gesto de aplaudir no fim de uma palestra é um exemplo claro de que a fala, em alguns contextos, é efetivamente substituída pelo gesto. Porém, isso não quer dizer que a palavra oralizada não atue nesse

contexto. A interação entre sujeitos, seja ela verbal ou gestual, ocorre dependendo das condições dos interlocutores.

Caes (2012) afirma que, dentro da perspectiva de Adorno (2010), a gestualidade tem sua origem juntamente com o surgimento do ser humano, ou seja, desde a Pré-História. A autora cita ainda Câmara Cascudo: “O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz” (CASCUDO, 1987 *apud* CAES, 2012). Embora pareça concordar, a autora defende que as origens antigas da gestualidade são difíceis de ser identificadas, justamente porque elas coincidem com a origem do homem. Ela afirma ainda ser impreciso o momento em que o ser humano começou a criar mecanismos de comunicação e utilizar uma simbologia carregada de significação para interagir com seus semelhantes. Portanto, resta saber qual era a função dos gestos para o homem primitivo; o que eles representavam para uma sociedade que ainda não dispunha de um sistema de comunicação bastante efetivo, como língua verbal e gestual como meios eficientes de interação.

Caes (2012) ressalta a importância da leitura como modo de percepção da linguagem do corpo. A autora defende que, para o homem primitivo, perceber se um gesto ou uma atitude de seu semelhante era favorável ou desfavorável a ele, era questão de sobrevivência. A função primária não era interagir, mas perceber o gesto como um mecanismo de defesa. Ao contrário, para o homem pós-moderno saber se um gesto de seu semelhante é favorável ou não, não é questão de sobrevivência, de vida ou morte, mas um problema de identidade, de identificação com a pessoa ou com o grupo. Coincidências a parte, ressaltamos, desde já, o fato de o gesto – inclusive o da interação verbal – variar de acordo com a identidade do produtor e do receptor da mensagem.

2.2.A comunicação e a relação gesto e fala

Admitindo que o gesto não-verbal tem um papel comunicativo antes mesmo de o homem desenvolver a linguagem verbal, observemos nos gestos das crianças: é possível perceber que elas se utilizam do gesto de apontar, para tentar comunicar ao seu interlocutor, antes de elas desenvolverem a habilidade de falar. Os gestos não-verbais estão concatenados à linguagem verbal, e podem representar ideias que vão além das que as palavras transmitem. Comunicação verbal e não-verbal juntas viabilizam e contribuem para o melhor entendimento da mensagem a ser transmitida, favorecendo o entendimento entre interlocutores. Silva (2000) representa essa relação da comunicação na forma da figura 1 abaixo:

Figura 1. Facetas da comunicação

Fonte: Silva (2000)

De acordo com a autora, o todo da “comunicação” é constituído de comunicação verbal e comunicação não-verbal. A comunicação verbal exterioriza o ser social; estabelece a relação de contato entre falantes, possibilitando a expressão de ideias, desejos, opiniões, crenças e valores. Já a comunicação não-verbal exterioriza o ser psicológico; corresponde à demonstração de sentimentos e molda o contato entre os indivíduos, deixando marcas de expressividade e atitudes em suas palavras.

De modo geral, considerando todas as formas de expressão corporal – desde a expressão com os gestos manuais até a expressão facial menos perceptível –, pode-se afirmar que gesto da fala e gesto não-verbal coexistem, podendo a linguagem verbal (oral e escrita) redundar na execução do gesto.

Para produzir os fonemas da nossa língua fazemos uso de articuladores passivos e ativos do aparelho fonador. Os movimentos desses articuladores caracterizam os fonemas. Por exemplo, um falante nativo do português reconhece os gestos da realização de um /p/ assim como a de um /f/: ao ouvir as pronúncias das palavras “paz” e “faz”, o ouvinte pode querer observar os movimentos da boca durante a execução dos fonemas que as constituem, para confirmar sua impressão auditiva. Esses movimentos são gestos convencionais e característicos das realizações dos fonemas, que concorrem para sua compreensão.

Os gestos corporais – mesmo os menos perceptíveis – cumprem um papel significativo na interação. Ao transmitir uma informação fazendo uso de seu aparato vocal, além de emitir sons, o ser humano transmite também, por meio de outros gestos, a expressividade corporal, algo que pode complementar/reiterar a mensagem oralizada⁵. A capacidade de compreensão da língua falada pode ficar comprometida em determinados contextos, se não observamos gestos da fala. Em ambientes com ruídos (como excesso

⁵ Evidências de que a informação é captada não apenas pelo sistema auditivo, mas também pelo visual podem ser vistas em Harry McGurk e John MacDonald (1976), que apresentam no artigo *Hearing lips and seeing voices*, um estudo sobre a percepção e integração de estímulos audiovisuais e sua importância na construção do discurso audiovisual.

de barulho para o sistema auditivo), por exemplo, é natural o ouvinte dirigir o olhar para a boca do seu interlocutor, para se certificar das impressões auditivas. Aliás, não é observando os gestos da fala que os surdos tentam entender o que dizem os falantes? É, decerto, disso que decorre a pertinência do termo leitura labial. É também disso que decorre o título deste nosso texto, como testemunho a favor de um gesto que precede a atividade cognitiva (a decodificação).

Ao referir ao gesto comunicativo não-verbal, Silva (2000) recorre à Paralinguagem (que atua nos estudos das modalidades da voz, analisando aspectos não-verbais que acompanham a comunicação verbal); à Proxêmica (que estuda o uso do espaço pelo homem no meio social – reconhecendo que a distância entre interlocutores pode transmitir uma mensagem); à Tacênsica (que estuda a linguagem do toque – reconhecendo que o toque é, habitualmente, utilizado para fazer notar a presença de alguém, para cumprimentar, chamar a atenção, confortar); às Características Físicas (que tem seus estudos voltados para como a forma e aparência do corpo podem comunicar, de modo que imagem transmite ideias e conceitos); e à Cinésica (parte da semiótica que estuda os movimentos e processos corporais que resultam em um código de comunicação extralingüística).

O antropólogo Ray Birdwhistell se dedicou ao estudo dos movimentos corporais. Rodrigues (2010) destaca que Birdwhistell foi um dos grandes estudiosos do gesto comunicativo⁶, ao dedicar-se aos estudos da Cinésica. Birdwhistell considera que não há gestos ou movimentos corporais que possam ser considerados como símbolos universais e, que toda cultura tem seu repertório gestual. Para ele, não há qualquer expressão facial ou corporal que transmita o mesmo significado entre as sociedades.

Birdwhistell (1985 *apud* SILVA, 2000) informa que o campo da Cinésica se preocupa com frequentes mudanças de movimento corporal que ocorrem no processo de interação e que são bastante significativas para a comunicação. De modo semelhante, Knapp e Hall (1999 *apud* SILVA, 2000) afirma que, além da língua falada, outros gestos corporais são utilizados para promover a interação social, e eles variam de acordo com o contexto e com normas culturais.⁷ De acordo com McNeill (1992, *apud* Vezali, 2011), a

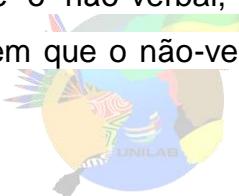
⁶ Birdwhistell (1985 *apud* Silva, 2000) observa que as palavras refletem apenas cerca de 35% do significado de qualquer interação, pois, de acordo com ele, o homem é um ser multissensorial que, de vez em quando, verbaliza.

⁷ Não obstante esse entendimento, nos estudos do campo da Cinésica, há concepções contrárias quanto a isso. Ekmann (1973 *apud* Silva, 2000), por exemplo, defende a existência de gestos que podem ser descritos como universais. Seu trabalho realizado com crianças portadoras de cegueira congênita serve como base para assumir essa posição. Ele descreve como as crianças cegas adotam expressões comuns à raiva, ao medo, à tristeza, à alegria, mesmo sem terem a capacidade de enxergar.

gestualidade pode ser tipicamente utilizada para indicar ou representar objetos e ideias. Para ele, os gestos não são inferiores à língua, pelo simples fato de os primeiros também apresentarem sentido e expressividade. E não se trata de apresentarem mais ou menos sentidos, mesmo porque eles possuem modalizações fundamentalmente diferentes. McNeill (2012 *apud* MORTIMER, 2014) advoga em favor de que os gestos são sincrônicos e coexpressivos com a fala, porém não redundantes, pois expressam a mesma unidade de ideia por meio de modos semióticos diferentes.

Portanto, há controvérsias acerca da convencionalidade dos gestos: de um lado, há pesquisador (a exemplo de ERKMANN, 1973) que advoga em favor da universalidade de alguns gestos; de outro lado, há aqueles (a exemplo de BIRDWHISTELL, 1985; KNAPP e HALL, 1999) que defendem a tese de que todo gesto deve estar associado a uma cultura. No que concerne a gestos convencionados, é importante lembrar que, conforme afirmam Knapp e Hall (1999 *apud* Silva, 2000), o gesto adquire significado diferente em regiões diferentes, e muda de sentido no curso do tempo.

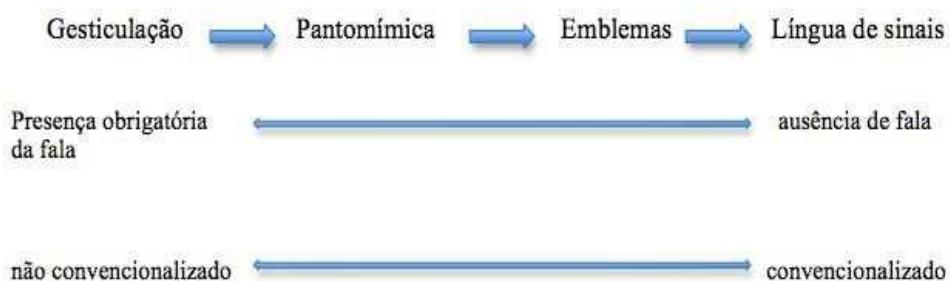
Seguindo esse entendimento, podemos inferir que a comunicação é um sistema complexo que envolve o verbal e o não-verbal, atuando sincronicamente, em uma semiose diversa e complementar, em que o não-verbal pode comprometer o sentido do verbal (e vice-versa).



3. Tipologia Gestual

De acordo com Vezali (2011), vários pesquisadores propuseram classificações para os gestos, traçando distinções semióticas ou funcionais. Uma dessas classificações está no *continuum* de Kendon, também chamado de *continuum* dos gestos. Proposta por Kendon (2004), essa tipologia é hoje comumente utilizada para explicar as relações semióticas entre fala e gesto.

Figura 2. Continuum de Kendon



Fonte: Vezali (2011).

Conforme demonstrado na figura 2 acima, o autor descreve o *continuum* dos gestos em 4 tipos distintos (categorias distintas?): gesticulação, pantomímica, emblemas e línguas de sinais. Estes, por sua vez, estão associados a um contínuo de presença/ausência da fala e de convenção/não convenção dos significados. Deste *continuum*, podemos inferirmos que: a) na gesticulação que coocorre na comunicação verbal/oral, os gestos são menos convencionalizados do que na comunicação não-verbal; b) à medida que a fala vai dando lugar a outros gestos comunicativos, estes serão proporcionalmente mais convencionalizados, para compensar a ausência das propriedades linguísticas (convencionais) da fala. Assim, fica evidente, por um lado, a pertinência complementar do gesto; por outro, sua pertinência cultural e social.

A seguir, apresentamos um detalhamento de cada um dos tipos (categorias?) de gestos propostos por Kendon (2004), a partir dos quais realizamos uma leitura, com descrição e análise, de imagens extraídas do *Youtube*:

(i) Gesticulação: constitui-se pelo movimento idiosincrático e espontâneo das mãos e dos braços, o que podemos chamar de “discurso de acompanhamento” ou “gestosdiscurso” (VEZALI, 2011, p. 58).

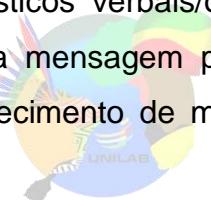


Fonte: YouTube.

A figura 3 mostra um conjunto de quatro fotos, no instante em que uma mulher diz a frase “Acho que foi em Lençóis, no Maranhão”, em um relato sobre sua estada no Brasil. Embora as imagens não capturem todos os gestos da boca correspondentes a essa frase, podemos observar que, durante a verbalização/oralização da referida frase, a mulher simultaneamente gesticula com braços e mãos. Podemos constatar, por exemplo, que o movimento de unir as mãos, com os braços postados para frente, é realizado duas vezes

durante a verbalização/oralização da frase. Contudo, o movimento de mãos e braços da mulher não transmite o conteúdo da mesma mensagem verbalizada/oralizada. E, embora o movimento de braços e mãos deva ser relativizado com a cultura, o contexto etc., diante das imagens da figura 3, podemos afirmar categoricamente que o movimento de braços e mãos da mulher acompanha o fluxo da fala para moldar o que está sendo transmitido verbalmente/oralmente. Na proposta tipológica de Kendon (2004), temos aí uma “gesticulação” (ou “discurso de acompanhamento” ou “gestodiscocurso”).

As imagens da figura 3 retratam gestos verbais/orais e gestos não-verbais, acompanhados de ingredientes contextuais/pragmáticos (personagem, espaço, tempo etc.), cinésicos (gestos, dinâmica etc.) e proxêmicos (distanciamento, aproximação, direcionamento etc.), claramente expressos. Contudo, o foco da comunicação está no gesto linguístico/verbal/oral. Assim, esses ingredientes contextuais/pragmáticos, cinésicos e proxêmicos não são necessários para o entendimento e a interpretação da mensagem. Aí ocorre uma semiose linguística; a decodificação do discurso da mulher depende de convenções linguísticas, da língua falada. É, portanto, da expressividade e da convencionalidade dos gestos linguísticos verbais/orais que os receptores/ouvintes se valem, para entender e interpretar a mensagem proferida, ainda que a interpretação possa variar de acordo com o conhecimento de mundo e com o repertório linguístico desses receptores/ouvintes.



(ii) Pantomima: é usada para representar uma ação, um objeto do mundo ou uma profissão como, por exemplo, o uso do dedo indicador para referir o objeto cortante (a faca), imitar a ação de cortar ou em algum uso metafórico (VEZALI, 2011, p. 58).

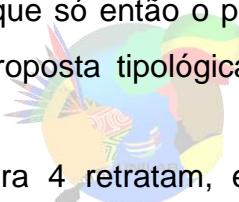
Figura 4. Pantomima



Fonte: YouTube.

Na figura 4, temos imagens de cenas do filme *City Lights* (1931), dirigido, produzido e estrelado por Charlie Chaplin. Vale ressaltar que estamos diante de cenas do cinema mudo de Charlie Chaplin, no qual não há falas. Na imagem de número 1 acima, uma florista, que é cega, está com duas flores, uma em cada mão, e oferece uma delas para o personagem de Chaplin, que para e olha para o produto. Como não há falas, é a partir de balizas contextuais/pragmáticas do texto não-verbal que a audiência infere tratar-se de uma oferta da florista. Na imagem de número 2, o personagem de Chaplin aponta para a flor que está na mão direita da florista, o que permite-nos inferir a escolha do personagem de Chaplin daquela flor da mão direita da florista, que por sua vez parece ignorar a escolha do personagem de Chaplin.

A (falta de) reação da florista permite-nos presumir que o personagem de Chaplin não estava percebendo que a mulher era cega. Na imagem de número 3, vemos que a florista, por ser cega e, por conseguinte, não conferir o gesto da escolha do personagem de Chaplin, oferece-lhe a flor da mão esquerda. Na imagem de número 4, o personagem de Chaplin pega na mão direita da mulher, onde estava a flor (escolhida) para a qual ele tinha apontado, dando a entender que só então o personagem de Chaplin percebera a deficiência visual da florista. Na proposta tipológica de Kendon (2004), temos aí uma “pantomima”.



As quatro imagens da figura 4 retratam, exclusivamente, gestos não-verbais, acompanhados de ingredientes contextuais/pragmáticos (personagens, espaço, tempo etc.), cinésicos (gestos, dinâmica etc.) e proxémicos (distanciamento, aproximação, direcionamento etc.), também claramente expressos. Esses ingredientes servem de balizas para nossas inferências acerca da interação dos personagens. A semiose dos gestos aí retratados atende a uma convenção; sua decodificação depende de convencionalidade desses gestos.

É, por conseguinte, da expressividade e da convencionalidade dos gestos não-verbais que as imagens da figura 4 acima podem ser convertidas em narrativas linguísticas, podendo estas, porém, variar de acordo com o conhecimento de mundo e com o repertório linguístico de quem aprecia as imagens.

(iii) Emblemas: são gestos convencionalizados pelo uso em uma cultura, comunidade ou grupo social (VEZALI, 2011, p. 58).

Figura 5. Emblemas



Fonte: YouTube.

A figura 5 acima retrata uma cena do seriado *Mr. Bean*, que também dá nome ao personagem principal, estrelado por Rowan Atkinson. Na cena, dois homens estão sentados numa mesa e fazem gestos para se comunicar. Na imagem, *Mr. Bean* está à direita, e faz um gesto com a mão direita, com o polegar voltado para cima. O homem que está à esquerda reage com um gesto caracterizado pelo alçamento da sobrancelha e pelo alargamento dos lábios na direção das orelhas, o que configura um sorriso de aceitação/concordância/aprovação/acolhimento etc.. Na proposta tipológica de Kendon (2004), temos aí um “emblema”.

De modo semelhante à figura 4, a figura 5 retrata, exclusivamente, gestos não-verbais acompanhados de ingredientes contextuais/pragmáticos (personagens, espaço, tempo etc.), cinésicos (gestos, dinâmica etc.) e proxémicos (distanciamento, aproximação, direcionamento etc.), claramente expressos. Aqui também, esses ingredientes servem de balizas para nossas inferências acerca da interação dos personagens. A semiose dos gestos aí retratados atende a uma convenção; sua decodificação depende de convencionalidade desses gestos.

É, por conseguinte, da expressividade e da convencionalidade dos gestos não-verbais que as imagens da figura 5 acima podem ser convertidas em narrativas linguísticas, podendo estas também variar de acordo com o conhecimento de mundo e com o repertório linguístico de quem aprecia as imagens.

No Brasil, tanto o gesto da mão com o polegar voltado para cima⁸ – tal como realizado por *Mr. Bean* – quanto o gesto do sorriso – tal como do homem à esquerda – da figura 5, ambos transmitem convencionalmente ideia de positividade aceitação/concordância/aprovação/acolhimento etc.

(iv) Língua de Sinais: são sistemas linguísticos não-verbais/não-oralizados (possuem segmentação, composicionalidade, léxico, sintaxe, traços distintivos etc.) (VEZALI, 2011, p. 58).

Figura 6. Sinais



Fonte: YouTube.

A figura 6 acima é uma sequência de imagens de gestos de braço, mão e face, que se sucedem em um contínuo, retratando o repertório de gestos correspondentes à realização equivalente à pergunta/saudação “*Tudo bem?*”, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O sinal tem início com a mão semifechada (com as pontas dos dedos unidos), voltada para a parte anterior/frontal inferior do maxilar, seguido de um movimento de antebraço, para frente e para baixo, e simultaneamente, de abertura de mão e separação dos dedos, configurando a mão aberta.

A figura 6 retrata, exclusivamente, gestos não-verbais acompanhados de ingredientes contextuais/pragmáticos (espaço, tempo etc.), cinésicos (gestos, dinâmica etc.) e proxêmicos (distanciamento, aproximação, direcionamento etc.), claramente expressos. Aqui também, esses ingredientes servem de balizas para nossas inferências acerca da intenção comunicativa da personagem. A semiose dos gestos aí retratados atende a uma convenção; sua decodificação depende de convencionalidade desses

⁸ Nos filmes de gladiadores do Império Romano, o gesto da mão direita do Imperador com o polegar voltado para cima indicava, para o vencedor, deixar o derrotado sobreviver. Também são encontradiços na internet, os depoimentos acerca do valor negativo desse gesto em lugares como Tailândia, Bangladesh e Irã. Porém, esse gesto foi fortemente impulsionado pela rede social *Facebook* como um gesto positivo.

gestos, uma vez que, o repertório de gestos comunicativos pode variar tanto de língua para língua (de sinais), quanto de região para região (geopolítica).

É, por conseguinte, da expressividade e da convencionalidade dos gestos não-verbais que as imagens da figura 6 acima podem ser convertidas em narrativas linguísticas, podendo estas também variar de acordo com o conhecimento de mundo e com o repertório linguístico de quem aprecia as imagens. As línguas de sinais constituem um sistema de comunicação tão complexo quanto o da linguagem verbal. Infelizmente, não há muitos registros documentais desse sistema de comunicação, para além do que há apenas na memória dos surdos apenas. No Brasil, só recentemente a LIBRAS foi reconhecida como oficial⁹.

Considerações Finais

Conforme informado desde o início deste texto, nosso objetivo aqui é ressaltar, sob as óticas de vários campos do saber (a arqueologia, a biologia, a paleontologia, a filosofia, a psicologia, a linguística, a pragmática, a cinésica, a proxêmica), a relevância de aspectos diversos que envolvem o tema da leitura corporal enquanto atividade realizada pelo corpo humano – desde os órgãos dos sentidos até os processos cognitivos. Nesse percurso, reiteramos a relevância do pressuposto (aparentemente óbvio) dos sentidos no ato de ler: ler é, antes de tudo, perceber o que está para ser lido.

Assim, entendemos a leitura corporal como uma atividade de um corpo que primeiramente percebe outro corpo, antes de descodificá-lo. Assim também, os paleontólogos distinguem animais de vegetais, porque os percebem e lêem, nas disposições dos seus gestos específicos, aquilo que primariamente os identificam; percebem a disposição anatômica do humano e de sua espécie mais próxima – o símio – e lêem no gesto específico bípede do homem aquilo que primariamente o distingue do macaco.

É da leitura dos dados fósseis que os cientistas da paleontologia tiram conclusões, uma vez que o homem vai deixando seus vestígios em tudo: na terra, no mar e no ar: as marcas de sua locomoção bípede (nas pegadas), o gesto de sentar (na cadeira), de deitar (na cama); os gestos da navegação (nas embarcações); de voar no (aeroplano) etc. Toda tecnologia (exclusividade dos humanos, entre os seres vivos deste planeta) evidencia um conjunto de gestos em constante evolução. O gesto filosófico e ao mesmo tempo artístico

⁹ Cf. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (www.planalto.gov.br).

de pensar, representado por Rodin; a recuperação dos gestos de urinar e pedalar na arte (artesanal?) de Duchamp; os gestos da fala e os outros gestos que os acompanham; os gestos/sinais dos surdos etc., etc. Tudo isso como reflexo da competência comunicativa/expressiva e leitora do corpo humano.

Enfim, tentamos apresentar uma visão diversificada e ampla – por isso mais superficial e menos profunda – acerca da manifestação da expressão corporal e de sua leitura. Pudemos observar que existem concepções divergentes acerca da universalidade dos gestos ou da relação entre gesto e cultura. Decerto que todo ser vivo – animal ou vegetal – se identifica e se distingue por seus gestos fundamentais e universais. Decerto também que ouvintes e surdos produzem gestos universais espontaneamente. Mas não podemos negar que, em certa medida, a gestualidade (incluindo a fala) identifica e distingue uns e outros, e que gestos verbais/orais desempenham um papel primordial na comunicação/interação de uns, ao passo que gestos não-verbais desempenham um papel primordial na comunicação/interação de outros.

Os gestos são utilizados para complementar ou dar precisão aos aspectos linguísticos, pragmáticos, cinésicos, proxémicos da comunicação/expressão/interação. Assim, gestos (verbais/orais e não-verbais) cooperam e influenciam mutuamente a produção e a recepção dos sentidos pretendidos pelos interagentes. No sentido que demos ao termo deste texto, a leitura corporal pressupõe, enfim, um conjunto de gestos (universais e/ou culturais): desde os gestos do autor (aquele – animal ou vegetal – que materializa/realiza o gesto/objeto a ser lido) até os gestos do leitor/intérprete.

Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada (revista e atualizada no Brasil)** 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.
- BARTHES, Roland; MARTHY, Eric. Oral/Escrito. In: **Oral/Escrito, Argumentação (Encyclopédia Einaudi)**, Lisboa, v. 11. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1987.
- BARTHES, Roland; COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: **Oral/Escrito, Argumentação (Encyclopédia Einaudi)**, Lisboa, vol. 11. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1987.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- CAES, V. A Importância da Gestualidade na Comunicação Não-verbal. Revista CC ADM, nº 7, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **Les gestes**. Paris: HC-D'arts, 1999.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**, vol. 1 - Técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **O gesto e a palavra**, vol. 2 – Memória e Ritmos. Lisboa: Edições 70, 1990.

MORTIMER, E. F. et al. **Interações Entre Modos Semióticos E A Construção De Significados Em Aulas De Ensino Superior**. Revista Ensaio. Belo Horizonte, v.16, n. 03, p. 121-145. Set-dez, 2014.

RIVIÈRE, Jean-Loup. Gesto. In: *Oral/Escrito, Argumentação* (Enciclopédia Einaudi), Lisboa, v. 11. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1987.

RODRIGUES, V. M. A. **Gestos Que Muito Dizem: A Comunicação Não-Verbal Entre Professores e Alunos no Processo de Ensino-Aprendizagem de Língua Estrangeira (Inglês)**. [Dissertação de mestrado]. 147 p. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET, Universidade de Brasília. Brasil, 2010.

SANTANA, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina; BERBERIAN, Ana Paula; MASS, Giselle. O ESTATUTO SIMBÓLICO DOS GESTOS NO CONTEXTO DA SURDEZ In: **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 13, n. 2, p. 297-306, abr./jun. 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24^a ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SILVA, L. M. G. **Comunicação Não-verbal: Reflexões Acerca da Linguagem Corporal**. Revista Latino-América Enfermagem - Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58. Agosto 2000.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso; OLIVEIRA, Francisco Jailson Dantas de. **Leitura (Abordagem Cognitiva)**. Maceió: EDUFAL, 2015.

VEZALI, P. A. **A Dêixis na Interação Entre Afásicos e Não Afásicos: Conjugação Indicial Fala/Gesto**. Campinas - SP, 2011.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): NETO, Antônio de Souza; SILVA, Remildo Barbosa da. Leitura corporal. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 389-409, jul./dez.2025.

Para citar este texto (APA): Neto, Antônio de Souza; Silva, Remildo Barbosa da (jul./dez.2025). Leitura corporal. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 389-409.